

## PROCESSO CRIATIVO E TRADUÇÃO

**Prof. Dr. Sergio Romanelli (UFSC/DLLE-PGET)**

Retomando os questionamentos que coloquei em minha conferência na mesa-redonda de Crítica Genética das *II Jornadas internacionais de Crítica Genética* ocorridas na PUCRS em 2009, “O que é criar?”, quero iniciar este prefácio ao Dossiê “Processo Criativo e tradução” com uma resposta, traduzir é criar! Apesar das discussões teóricas e dos avanços na reflexão sobre tradução, existe ainda o discurso, não somente entre os leigos, mas até no âmbito acadêmico por parte de estudantes, docentes e profissionais da área, de que tradução não seria criação, o texto de chegada não possuiria um estatuto autônomo em relação ao texto de partida assim como o seu autor, e destaque autor e não simplesmente tradutor, em relação ao autor de partida. Como poderia, então, a Crítica Genética (CG) auxiliar o desvendamento deste processo criativo peculiar que é a tradução e mostrar, por dentro, como os mecanismos do ato tradutório são também mecanismos de escrita?

Para responder a esses questionamentos está se desenvolvendo há seis anos desde a pesquisa de doutorado na Federal da Bahia intitulada *A gênese de um processo tradutório: os manuscritos de Rina sara Virgillito*, e agora coordenando os projetos de pesquisa *Crítica Genética e tradução: um exemplo de interdisciplinaridade*, *O Processo criativo das traduções de Dom Pedro II* e a linha de pesquisa *Crítica Genética, língua e Estudos da tradução* na UFSC, uma parceria teórica e metodológica entre CG e Estudos Descritivos da Tradução (EDT) para estudar o processo criativo do tradutor, a partir de seus manuscritos. Tentando reconstituir, dessa forma, empiricamente, com base nos dados colhidos e no *corpus* delimitado, o processo criativo do tradutor, tendo em vista detectar as leis e as normas seguidas, bem como as razões, as influências de vários tipos que o levariam a determinadas escolhas dentro de seu procedimento tradutório. Este dossiê é o resultado do trabalho desenvolvido ao longo do segundo semestre de 2009 no Programa de pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina em que ministrei a disciplina “Processo criativo e tradução”. Os cinco artigos que se propõem ao público são resultado das leituras e das discussões muito frutuosas que tive com meus alunos e mostram a tentativa difícil, mas não impossível, em busca de um novo paradigma, de uma nova epistemologia tanto na pesquisa, quanto no ensino e na reflexão sobre tradução.

O ato de traduzir constitui um processo criativo e esse processo criativo, como já Levý afirmou em 1965, é parte de um processo comunicativo em que o tradutor opta, decide, escolhe entre uma série de possibilidades alternativas. A questão é saber não somente como, mas por que o

tradutor faz determinadas opções descartando umas e aceitando outras; quais os elementos que interferem neste processo de *problem-solving*? Como se pode acompanhar esse processo sem registros, sem marcas, sem índices, se todo esse complexo percurso é apagado ao ser editada a tradução? A tradução editada é somente uma etapa desse percurso criativo comparável a um xadrez:

*[...] each selection from the paradigmatic set of alternatives will become part of the conditioning factors for the next choice to be made, so that process has a syntagmatic aspect as well. In this sense, Levý argues, translating can be compared with a game with complete information, like chess, where every next move takes account of all previous moves* (HERMANS, 1999, p. 23).

Ao se propor analisar esse processo tradutório, a metodologia da CG busca reconstruir, por aproximações, esse processo que até agora só poderia ser adivinhado a partir do texto editado: *When we study existing translations, however, we can only see the outcome of the translator's choices. The motives, the pattern of instructions which informed the choices, can only be inferred.* (HERMANS, 1999, p. 23).

Os EDT ao considerar a tradução como um texto autônomo incluído num contexto cultural e social específicos se propuseram também a reconstituir as normas e as estratégias que nortearam a constituição desse novo texto, mas a tarefa mais desafiadora sempre foi a de conseguir reconstituir o processo mental, invisível, que acontece na mente do tradutor. A grande questão é, porém, como ter acesso à caixa preta que é a mente do tradutor?: *[...] psychological attempts to probe the human mind during the process of translation were unable to do more than produce speculative diagrams because they could not engage in direct observation, the translator's mind being an inaccessible black box* (HERMANS, 1999, p. 31).

A CG pode auxiliar os EDT, a nosso ver, nessa busca, mas para conseguir reconstituir esse processo criativo peculiar do tradutor, os *dossiês* a serem estudados devem ser constituídos não só pelos manuscritos do tradutor, mas, também, pelos livros que leu e anotou nas margens, registrando as datas das sucessivas leituras; ou pelo catálogo da sua biblioteca pessoal e qualquer outro tipo de vestígio que tenha deixado.

De fato, antes de ter uma ideia do autor a ser traduzido, o tradutor, ao lidar com uma obra, já demonstra conhecimentos sobre tradução. Tais conhecimentos, tradicionalmente, eram observados a partir da obra editada, o que, na contemporaneidade, tem mudado para um enfoque que elege o processo como alvo das pesquisas, e não o produto *final*. Por meio da CG, podem-se comparar as variantes contidas nos manuscritos não somente acompanhando e entendendo o processo de tradução, mas, sobretudo, analisando a invenção artística do tradutor.

Utilizando a metodologia dos EDT, por outro lado, pode se retornar das traduções às estratégias e às normas não somente linguísticas que condicionaram os vários tradutores. È possível

então analisar textos literários traduzidos visando a ilustrar as estratégias adotadas pelos tradutores e, se possível, remontar às razões que originaram os diferentes comportamentos. Utiliza-se, por isso, especificamente, o esquema hipotético idealizado por Gideon Toury (1995) e aperfeiçoado por José Lambert e Van Gorp (1985).

Pelo suposto até o presente, pode-se observar que a CG e os EDT possuem o mesmo paradigma, ou seja, uma metodologia similar e, sobretudo, princípios teóricos que funcionam em perfeita sintonia. Ambas se servem de uma metodologia de investigação de caráter indutivo. A primeira, ao estudar o manuscrito, visa chegar a

[...] possíveis conclusões relativas a uma teoria da criação. Conclusões essas não mais baseadas em hipóteses desenvolvidas de forma dedutiva, a partir da obra acabada ou a partir de depoimentos de artistas. A crítica genética faz uso de inferências partindo de fatos concretos que funcionam como índices de suporte para uma teoria. Registra os dados de fato, da experiência viva, para corroborar dados teóricos, ou seja, é um processo de investigação experimental de suposições teóricas (SALLES, 1992, pp. 33-4).

Da mesma forma, os EDT não partem de pressupostos *a priori*, mas de dados empíricos das traduções para remontar, através da análise dos textos editados, às leis e restrições sofridas pelo tradutor, ao longo de seu processo tradutório. Devido, então, à natureza dessas duas metodologias, pareceu lógico aproximá-las, pela primeira vez, aplicando-as ao estudo de manuscritos tradutórios. Segundo Serge Bourjea, a CG

[...] possibilita, de fato, duas coisas importantes no campo da Tradução: 1) ela pode constituir uma nova tarefa, (impossível), **quanto à tradução dos manuscritos literários** [...]; 2) a Genética deve permitir, através de um melhor conhecimento do processo da inventividade literária, **um trabalho de leitura/ re-escritura mais fino ou mais adequado** para o tradutor da poesia (O negrito é do autor) (1998, p. 48).

Parece relevante destacar a novidade da proposta que pretende aplicar, pela primeira vez, a CG ao estudo de manuscritos de traduções. Após uma investigação bibliográfica, sabe-se que somente uma pesquisadora, Cristiane Grando, tenha trabalhado, em São Paulo, com CG e Tradução, não para reconstituir o processo criativo do tradutor, mas sim, mostrando como a tradução dos manuscritos poderia ajudar na interpretação do texto.<sup>1</sup> E outra pesquisadora Marie-Hélène Paret Passos da UFRGS vem trabalhando com CG e tradução literária, sempre na perspectiva da análise do dossiê dos textos a serem traduzidos.

---

<sup>1</sup> Para um maior aprofundamento, consultar os seguintes artigos publicados: GRANDO, C. Leitura Genética do Poema “Se Tivesse Madeira e Ilusões” de Hilda Hist. **Manuscritica. Revista de Crítica Genética**. São Paulo, APML, n. 7, 1998, pp. 91-110. GRANDO, C. Estrutura formal Dos Poemas de *Amavisse*: os Paralelismos Hilstianos. **Manuscritica. Revista de Crítica Genética**. São Paulo, APML, n. 8, 1999, pp. 73-87. GRANDO, C. Genética e tradução: a poética de Hilda Hist. **Manuscritica. Revista de Crítica Genética**. São Paulo, APML, n. 10, 2001, pp. 141- 153.

O método sistemático de trabalho e de criação dos tradutores exemplifica e confirma a tese, segundo a qual, para um escritor/tradutor, a sua obra nunca está fechada e acabada, mas continua sendo, ainda depois de publicada, insatisfatória e provisória.

Pode-se, então, não somente desvelar, até certo ponto, o processo de criação do artista, mas também, como no nosso caso, o processo de tradução de uma obra. Quanto ao trabalho do tradutor, este é um trabalho consciente, pois através das escolhas que fez na tradução, busca-se acompanhar aquilo que a CG busca que é mostrar um pensamento em evolução, presente também no caso de um processo tradutório.

Quais são, de fato, as etapas que levam um tradutor a escolher ou considerar como aceitável determinada versão de um texto? Quais as justificativas dessas escolhas e qual o material de referência que o tradutor usa? Essas são perguntas às quais a CG pode responder com sua metodologia. Nesse caso, também, o objeto de estudo da CG é o caminho percorrido pelo tradutor para chegar à obra entregue ao público. Estuda-se o processo criativo a partir das marcas deixadas pelo tradutor.

Se o manuscrito constitui o objeto físico principal do estudo da CG, as leis, as recorrências e as normas desse processo, assim como acontece nos EDT, constituem a preocupação da abordagem genética. Cada autor, de fato, segue um próprio mecanismo de produção em que intervêm vários fatores endógenos e exógenos (ou polissistemas) de natureza diversa e que influenciam de forma significativa o seu desenvolvimento:

O geneticista [...] pretende tornar a gênese legível, [...] o texto (re)estabelecido em sua gênese, revela fases da escritura, mostra o autor em seu fazer literário, na medida em que reconstitui os paradigmas visitados durante a aventura da criação poética. (SALLES, 1992, p. 19).

A organização desse material tão heterogêneo é a primeira tarefa do geneticista. De modo que, uma vez estabelecido o dossiê genético ou prototexto<sup>2</sup> de um determinado autor, o pesquisador, ao fim de torná-lo legível, deve organizá-lo, empenhando-se na descrição e transcrição dos documentos.

---

<sup>2</sup> O prototexto, segundo Bellemin-Noël, primeiro definidor, em 1972, desse termo, “[...] é uma certa reconstrução dos antecedentes de um texto, estabelecida pelo crítico com o auxílio de um método específico, destinada a ser objeto de uma leitura em continuidade com o dado definitivo. À delimitação empírica daquilo que, em um dado momento, se julgou ser o texto, acrescenta-se um recorte metodológico. (BELLEMIN-NOËL, 1993, p. 141).

Tal proposta de trabalho justifica-se pela escassa quantidade de estudos que dizem respeito ao processo tradutório de um ponto de vista genético, devido não só ao recente surgimento dessa disciplina, mas também a uma resistência de tipo ideológico. De fato, quer os estudos filológicos no âmbito da crítica textual, quer os linguísticos no âmbito da tradução, consideram como ponto de partida de qualquer pesquisa o presumido “original”. Existiria, isto é, sempre um texto de referência absolutamente definido na sua estrutura, que o autor considerou final e que se constitui como único e verdadeiro elemento de pesquisa.

Mas, o objetivo não consiste, simplesmente, em mostrar um processo de criação com as leis que lhe são inerentes ou com suas dúvidas, influências, constrictões internas e externas, mas sim, colocar em relevo a qualidade e a validade do trabalho criativo do tradutor. Dar-lhe visibilidade, mostrar como seu labor se desenvolve ao longo de anos, encontrando-se, por vezes, no meio de um complexo processo de interações com outros sistemas de vários tipos e que também contribuem à realização do produto assim chamado *final*. E como esse produto, uma vez tenha entrado em um sistema, é capaz de influenciá-lo, por sua vez, ou enriquecê-lo e mudá-lo. Quer-se, de fato, defender aqui a tradução e o tradutor, ainda hoje vítimas de preconceitos que lhes destinam um espaço pequeno, isolado e limitado dentro do polissistema cultural mundial em que se inserem e que hoje, por sua vez, é visto dentro de um espaço global. Nesse espaço o tradutor é, geralmente, criticado pela *má* qualidade de seu trabalho, não somente por parte dos leitores, mas, sobretudo, e infelizmente, por críticos literários ou de tradução que, por sua vez, pouco sabem desse árduo trabalho e da forma complexa como acontece. A maioria deles ignora simplesmente essa complexidade que a análise dos manuscritos, dentro da abordagem da CG, quer ilustrar, pela primeira vez. Essa complexidade, inerente ao trabalho tradutológico, está presente, não somente na própria recriação do texto fonte, mas sim na escolha do autor a ser traduzido, nas razões que teriam levado um tradutor a optar por um determinado texto, sem contar as consequências que essas escolhas acarretam, ou nas pesquisas realizadas que, às vezes, duram decênios e que constituem o trabalho pré-redacional, em que o tradutor busca, pesquisa, lê, recusa, desiste, retoma, começa, dialoga, briga com os textos a serem traduzidos.

A análise dos manuscritos dos tradutores revelaria, assim, um universo flutuante e complexo que inclui diálogos intertextuais e intratextuais com as outras traduções, ou diálogos vários com o texto a ser traduzido e com a literatura referente a um determinado autor (prefácios, ensaios, coletâneas, etc.), ou, ainda, diálogos com textos sobre a teoria da tradução. Ou seja, o tradutor existe, aparentemente está sozinho, mas, trabalha, cercado por um mundo que se nutre por *inputs* os mais diversos, que modificam, enriquecem e influenciam não somente o seu processo de trabalho, mas também, a estética do seu objeto de estudo.

Os manuscritos revelariam um *modus operandi* de um tradutor, que é similar ao *modus operandi* do autor, revelando um preciso método de criação artística.

Em suma, o tradutor é também criador de novos textos, de novas obras que, uma vez terminadas, entram no polissistema literário de uma determinada cultura, influenciando-a e enriquecendo-a com a sua contribuição. Não é possível aceitar, portanto, a ideia de que literatura traduzida não seja literatura, ou de que o tradutor não seja um escritor.

Pretende-se mostrar também, em uma perspectiva interdisciplinar, como a CG pode auxiliar a Teoria da Tradução e vice-versa. Em primeiro lugar, através da análise dos manuscritos do tradutor quer-se reconhecer o estatuto desse processo de criação que não é, enquanto tradução, simples recriação de um texto de partida, mas sim nova criação de um texto de chegada autônomo e possuindo qualidades literárias e poéticas dentro do seu sistema cultural. Em segundo lugar, redefinindo a noção de tradução, intervindo então não somente no conceito, mas, também, na terminologia, ampliando-a e livrando-a de preconceitos ainda existentes no âmbito dos estudos literários e linguísticos em geral. Finalmente, pretende-se demonstrar, também, como o processo de criação e o processo tradutório se entrecruzam e se influenciam reciprocamente dando vida a uma única estética da criação.

Se o objetivo principal, ou aquele ao redor do qual confluem os outros objetivos desta proposta, é o de defender o trabalho do tradutor, mas baseando-se em uma análise precisa e detalhada das formas físicas do seu labor, por outro, se quer também questionar mitos ligados, de algum modo, ao processo tradutório ou criativo em geral. O fato é que, embora ainda persista a ideia de que esse trabalho criativo seja algo espontâneo, ao se observarem os manuscritos do tradutor, depara-se com outro tipo de abordagem.

Para desenvolver essa pesquisa pretende-se e se faz necessário constituir um acervo de documentos manuscritos de tradutores literários no Brasil, de vários idiomas. Uma primeira etapa para conseguir esse objetivo é o mapeamento de acervos de tradutores e pesquisas na área de CG tradução no Brasil.

Os artigos que constituem este dossiê são um primeiro testemunho de pesquisas desenvolvidas no nosso Programa em busca do processo criativo do tradutor e da visibilidade de seu trabalho e também de uma tentativa de introduzir a Crítica Genética nos currículos não somente dos nossos cursos de pós-graduação, mas também, e sobretudo, nos de graduação para melhor preparar nossos alunos a esse tipo de pesquisa.

Referencias bibliográficas

BOURJEA, S. Valéry, tradução, gênese. In: Costa Luiz Angélico da (Org.). **Limites da traduzibilidade**. Salvador, Edufba, 1998, pp. 47-55.

HERMANS, T. **Translation in Systems. Descriptive and System-oriented Approaches Explained**. Manchester, St. Jerome, 1999.

LAMBERT, J.; GORP, H. von. On describing Transaltions. In: HERMANS T. (Ed.). **The Manipulation of Literature. Studies in Literary Translation**. London & Sidney, Croom Helm, 1985, pp. 42-53.

SALLES, C. Almeida. **Crítica Genética**. São Paulo, Educ, 1992.

TOURY, G. **Descriptive Translation Studies and Beyond**. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1995.